

Drª. Leonor Beleza, Ilustre Presidente da

Fundação Champalimaud

Dr. Proença de Carvalho

Caro Javier Solana

Senhoras e Senhores,

1. Falar dos caminhos da Europa, hoje, constitui uma verdadeira temeridade. Como disse Delors, a União Europeia está à beira do abismo. É uma ideia - e um perigo - que está a fazer o seu caminho.

Os dirigentes europeus não se entendem entre si. Falamos dos da zona euro, os 17, num total de 27 Estados. As instituições estão a desagregar-se. Os Tratados não são respeitados. O euro - a moeda mais forte, em termos globais - está a caminho de ser devorada pelos mercados especulativos. O que é inaceitável.

Veremos se amanhã a Cimeira Europeia, convocada in extremis, pela Chanceler Merkel e pelo Presidente Sarkozy - que parecem ser os "patrões" da União, sem qualquer legitimidade para tanto - talvez, finalmente, se entendam e encontrem um caminho para consolidar a União e a moeda única, o euro.

2. Se assim acontecer, é provável que a União Europeia, há dois anos sem rumo, encontre um caminho que, necessariamente, passará pela criação de um Governo económico e financeiro, de tipo federal, enquanto se aguarda um Governo político.

3. Note-se que o projecto europeu, sempre teve por objectivo a paz, a justiça social e a democracia assim como o bem-estar das populações, a solidariedade e a igualdade entre os Estados-membros, quer fossem ricos quer pobres. Foi um projecto original e progressivo - nunca antes visto - que trouxe décadas de paz e de prosperidade aos Estados-membros e tornou a União Europeia um modelo apetecível para os outros Continentes, incluindo os chamados Estados emergentes.

4. Entretanto, após o colapso do universo comunista, os Estados Unidos, julgaram-se invulneráveis e, influenciados pela ideologia neo-liberal, acreditaram poder dominar o Mundo. Entretanto, só os mercados contavam e o poder do dinheiro. Enganaram-se. O 11 de Setembro de 2001 - no seu horror - demonstrou-lhes a sua vulnerabilidade.

5. Acresce que o Presidente Bush - e os seus conselheiros - não compreenderam o fenómeno do terrorismo global, esqueceram-se dos Objectivos do Milénio, subscritos por todos os chefes dos Governos e Estados-membros da O.N.U., e lançaram-se em duas guerras sem sentido - o Afeganistão e o Iraque - mais gravosas do que o Vietname, que dividiram o Ocidente e as populações dos seus diferentes Estados.

6. Tudo isso esteve na origem da grande crise global, económica, financeira, política e social, criada pela supremacia dos mercados, sobre os Estados Soberanos, cujas péssimas consequências estão ainda longe de ser dominadas, quer nos Estados Unidos quer na União Europeia.

7. O Presidente Barack Obama no acto da sua posse falou - e com razão - da necessidade de um novo paradigma de desenvolvimento, para vencer a crise global então num estado agudo. Mas apesar da sua inteligência e humanismo não foi ainda capaz de levar por diante esse "novo paradigma", dado o cerco que lhe têm feito o Partido Republicano e, em especial, os fanáticos do Tea Party.

8. A crise global contagiou a União Europeia, cujos principais dirigentes, não tiveram a coragem de tomar as medidas necessárias para vencer a crise que afecta hoje - de uma maneira ou de outra - todos os europeus. Era preciso regular os mercados com regras éticas e jurídicas, e pô-los a obedecer aos Estados e não o contrário, como tem acontecido. Não houve a coragem de o fazer.

9. Portugal foi o terceiro Estado, entre os membros da zona euro, a ser atacado pelos mercados especulativos e pelas gananciosas agências de *rating*. A seguir à Grécia - berço da nossa civilização e inventor da democracia - que a União Europeia, e em especial a Alemanha, trataram sem o respeito que lhe é devido e, depois, da Irlanda. A crise, como sabemos, gerou uma situação financeira, económica, social e política e levou a União, da zona euro, com a ajuda da Comissão Europeia, do Banco Central Europeu e do Fundo Monetário Internacional, a impor ao Estado português, através da troika, medidas financeiras draconianas, que aumentam a recessão económica e o desemprego, o que está a criar um profundo descontentamento, para não dizer uma revolta.

10. Acrescente-se que não são só os Estados citados que estão a sofrer com a crise global. São outros que começam a ser atacados pela ganância dos mesmos mercados, como a Itália, país fundador da CEE, a Espanha, a Bélgica e, se a impunidade continua, a própria França e, porventura, mesmo a Alemanha, como já há alguns sinais.

Veremos o que se passará amanhã na Cimeira de Bruxelas. Alguma coisa sairá do aperto em que a União Europeia se encontra. Será um passo importante que nos conduza a um novo paradigma que ponha na ordem, definitivamente, os mercados e crie um sistema federal de natureza financeira e económica? Se não for, e creio que não será, temos que esperar mais algum tempo - com grande custo - para que a situação europeia se componha, como querem os Estados Unidos, a China, a Índia, a Rússia e até o Brasil... Et pour cause...

11. As opiniões públicas, estão a despertar, com os indignados a manifestar-se na rua, ao mesmo tempo, em centenas de cidades, na Europa e no Mundo. Mas não são só os indignados. É a Esquerda em geral, os Sindicatos, os intelectuais, até as forças da ordem e os militares das Forças Armadas.

Serão os políticos conservadores europeus tão incapazes, de ter uma visão lúcida, que não percebem para onde estão a caminhar? Voltando aos nacionalismos serôdios, responsáveis de duas guerras mundiais?

12. Portugal tem um Governo, baseado numa aliança de dois partidos de Direita, que ainda não se livrou da ideologia neo-liberal, que tem levado os Estados

a uma situação de grande descrédito, em que só ganham os especuladores e os magnatas. Até os bancos se encontram em grandes dificuldades de liquidez...

13. A troika europeia, nomeada pelo Banco Central Europeu, pela Comissão Europeia e pelo Fundo Monetário Internacional, com critérios ligeiramente diferentes, entre si, impôs-nos medidas draconianas que agravam a recessão e o emprego e, por isso, não nos dão qualquer esperança de progresso a curto e médio prazo. Como vão reagir os portugueses, os quais, para além de muitos perderem o emprego, começam a sentir cortes inaceitáveis, na saúde pública, nas pensões sociais e no ensino tradicionalmente gratuito? É algo em que alguns governantes não pensam - porque só vêm os números - mas cuja agressividade vão sentir, cada vez mais, à medida em que a situação se vai inevitavelmente agravando...

14. Creio que a União Europeia - em especial a zona euro - não terá outro remédio senão abrir os olhos e os cordões à bolsa. Para benefício de todos e evitar os riscos que já começa a correr. Os Estados Unidos, perante as dificuldades, não param de fabricar dólares. O Reino Unido - que sempre foi anti-europeísta - acaba de fabricar e pôr em circulação vários milhares de libras esterlinas. Não se percebe por que razão o Banco Central Europeu não se dispõe a fabricar euros - e a distribuí-los pelos Estados mais carentes - ainda que daí venha alguma inflação e tenha que mexer ligeiramente nos Tratados institucionais, a que aliás nunca ligou grande importância...

15. Seja como for, se a União Europeia (da zona euro), não der um grande passo em frente, no sentido federal, entrará, necessariamente, em desagregação. O que será uma tragédia para a Europa mas também para o Mundo.

16. Portugal e Espanha são dois Estados ibéricos, que entraram ao mesmo tempo na então CEE, depois de se terem libertado, sem qualquer ajuda externa, de duas cruentas ditaduras. Ambos os Estados, ao longo da história, prestaram grandes serviços à Europa, pondo o Mundo em contacto com a Europa e vice-versa.

Têm hoje excelentes relações entre si e com todo o espaço ibero-americano, participando ambos os Estados na Comunidade Ibero-Americana e tendo uma posição geoestratégica importante no Atlântico e no Mediterrâneo Ocidental. Os Estados europeus do norte devem muito aos Estados Ibéricos e, por isso, os devem ouvir e respeitar. Como à Grécia e à Irlanda.

É o que espero, no momento financeiro difícil que vivemos, que aconteça, para bem da União Europeia e, sobretudo, dos europeus.

Lisboa, 25 de Outubro de 2011